

**PROGRAMA
DE
FILOSOFIA**

11^a Classe

2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO GERAL

Ficha Técnica

Título

Programa de Filosofia - 11ª Classe

Editora

Editora Moderna, S.A.

Pré-impressão, Impressão e Acabamento

GestGráfica, S.A.

Ano / Edição / Tiragem / N.º de Exemplares

2013 / 2.ª Edição / 1.ª Tiragem / 2.000 Ex.



EDITORA MODERNA

E-mail: geral@editoramoderna.com

© 2013 EDITORA MODERNA

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, as ilustrações e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no código dos direitos de autor.



ÍNDICE

Nota Explicativa -----	4
Introdução -----	5
Natureza da Disciplina de Filosofia e a sua Integração no Currículo -----	6
Finalidades e Objectivos Gerais do Programa -----	9
Visão Geral dos Conteúdos Temáticos -----	13
Metodologia: Princípios, Sugestões e Recursos -----	18
Avaliação -----	25
Bibliografia Geral -----	31

NOTA EXPLICATIVA

O programa melhorado e simplificado de Filosofia na 11ª Classe contém três temas relevantes e anula o anterior:

O Tema 1 - Emergência de Filosofia abarca a divisão da Filosofia, origem: africana, asiática e ocidental.

O Tema 2 - Dimensão da Antropológica.

O Tema 3 - Teoria do Conhecimento.

INTRODUÇÃO

A preparação técnico-científica, cultural, moral e cívica do professor é um dos factores decisivos para o desenvolvimento de toda a política educacional do País. Nesta perspectiva, o ensino da disciplina de Filosofia no 2º Ciclo do Ensino Secundário torna-se uma necessidade inquestionável, pois a educação filosófica contribui para a satisfação desse importante desiderato.

Assim, o ensino da Filosofia no Ensino Secundário e, sobretudo, na 11ª Classe, tem como objectivo desenvolver nos alunos atitudes de discernimento crítico e metódico perante a informação e saberes transmitidos, ampliando as suas competências básicas de discurso, interpretação, argumentação e comunicação.

O presente Programa foi elaborado na base do actual Programa de Filosofia para o 2º Ciclo do Ensino Secundário, foi revisto, melhorado e ampliado, de acordo com os objectivos e os pressupostos que sustentam a Reforma Educativa em curso em todos os níveis de ensino em Angola.

Entretanto, a implementação de tal programa exigirá uma maior entrega, criatividade e o espírito de iniciativa do professor para utilizar novas formas e métodos de ensino que achar adequados para o sucesso do processo de aprendizagem das matérias da disciplina de Filosofia por parte dos alunos.

Os temas seleccionados para o presente Programa de Filosofia do 2º Ciclo do Ensino Secundário são de extrema importância e pertinência científica, epistemológica e social, porque correspondem aos objectivos da reforma e da política educativa do Estado angolano e vão ajudar o aluno a “...compreender os problemas nacionais, regionais e internacionais de forma crítica e construtiva para a sua participação activa na vida social, à luz dos princípios democráticos”¹.

¹ Lei de Base do Sistema de Educação. Diário da República n.º 65, 1ª Série, de 31 de Dezembro de 2001, alínea b) do artigo 3º.

NATUREZA DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA E A SUA INTEGRAÇÃO NO CURRÍCULO

Da Filosofia no Ensino Secundário

O Currículo de formação geral do 2º Ciclo do Ensino Secundário apresenta, na sua grelha de disciplinas, a Filosofia como uma das principais componentes de formação geral de frequência obrigatória tendo como objectivo o aprofundamento da cultura geral através do domínio desta matéria e de outras.

Nesse quadro, a Reforma Educativa em curso no País reconhece a necessidade e a importância da disciplina de Filosofia - em conjunto com as demais ciências - na configuração do novo imperativo educativo de corrente da paz: a unidade e a reconciliação nacional. A Filosofia poderá, certamente, assumir um importante papel na constituição de uma consciência capaz de discernir o valor da abertura e da integração e também de reinventar novas formas de vida que permitam uma sadia convivência entre os angolanos, por um lado.

Por outro lado, a UNESCO tem vindo a solicitar a todos os Estados a introdução ou o alargamento da formação filosófica a toda a educação secundária, considerando substantivo o vínculo entre Filosofia e Democracia, entre Filosofia e Cidadania. Esta aproximação entre a Filosofia e a manutenção e consolidação da vida democrática tem a ver com o reconhecimento do valor da aprendizagem desta disciplina não apenas no processo do saber de si, de cada um, como também no aperfeiçoamento do seu discernimento cognitivo e ético, contribuindo, assim, directamente, para a capacitação de cada jovem para o juízo crítico e para a participação na vida da comunidade.

Este apelo à inserção sistemática da Filosofia no Ensino Secundário releva de uma concepção desta disciplina, de que decorrem três funções essenciais:

- 1) Permitir a cada um aperfeiçoar a análise das convicções pessoais;
- 2) Aperceber-se da diversidade dos argumentos e das problemáticas dos outros;
- 3) Aperceber-se do carácter limitado dos nossos saberes, mesmo dos mais assegurados².

Inscrita na componente de formação geral de todos os cursos do Ensino Secundário, a disciplina de Filosofia é reconhecida em Angola como uma componente imprescindível da formação geral da educação secundária.

² DROIT, R. P. - *Philosophie et démocratie dans le monde - une enquête de l'UNESCO*, 1995 (p.105).

Esta posição da disciplina de Filosofia, no conjunto curricular, permite que Angola venha, assim, responder favoravelmente às recomendações da UNESCO atrás referidas e a retomar a experiência de atribuir à Filosofia um papel constante nos nossos planos de estudos do Ensino Secundário e Universitário. Na realidade, foi no contexto da I República que se começou a ensinar Filosofia em Angola, cujo processo foi interrompido depois de 1992. A despeito deste momento de crise, a disciplina de Filosofia vem novamente retomar o seu lugar, figurando nos currículos daquele nível de ensino.

A inserção da Filosofia na estrutura curricular do Ensino Secundário, articulada com o vínculo desta disciplina com as questões da cidadania e da democracia, exige um determinado paradigma filosófico, ligado a uma concepção de Filosofia como uma actividade de pensar a vida e não como um mero exercício formal. Ou seja, preconiza uma concepção de Filosofia que a articula com o exercício pessoal da razão, desenvolvendo uma atitude de suspeita, crítica, sobre o real como dado, mas, ao mesmo tempo, determina-a como um posicionamento compreensivo, integrador e viabilizador de uma transformação do mundo.

Tal paradigma de ensino da Filosofia, supõe que “pensar por si mesmo” a vida obriga a uma discussão pública, ao reconhecimento do momento de verdade inerente a cada posição em debate, e, simultaneamente, dimensiona-se numa vocação de universalidade da razão, fazendo dela não só uma componente essencial da formação pessoal, como também um instrumento da vivência e aprofundamento da vida democrática.

Do presente Programa de Filosofia

Considerando o que atrás foi exposto, a disciplina de Filosofia deverá promover condições que viabilizem uma autonomia do pensar, indissociável de uma apropriação e posicionamento críticos face à realidade dada, que passa por pensar a vida nas suas múltiplas interpretações. Tal imperativo determina a prática da interpretação como via para a apropriação do real e da consciência de si - interpretação dos textos, das mensagens dos media, das produções científicas e tecnológicas, das instituições, em resumo, da(s) cultura(s).

Desta maneira, a intencionalidade estruturante da disciplina de Filosofia, no Ensino Secundário, deverá: contribuir para que cada aluno seja capaz de dizer a sua palavra; ouvir a palavra do outro e dialogar com ela, visando construir uma palavra comum e integradora.

Orientado por esta grande intencionalidade, o Programa de Filosofia, que agora se apresenta à comunidade docente, bem como aos alunos a quem se destina, representa uma adaptação do actual Programa de Filosofia do 2º Ciclo do Ensino Secundário com as exigências do LEI DE BASE DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO, aprovado pela Lei n.º 13/01, de 31 de Dezembro e aos desafios da Reforma Educativa.

Entretanto, o presente Programa de Filosofia é uma reformulação, com algumas inovações no plano do paradigma organizador do trabalho filosófico. Procurou-se manter a liberdade de movimentação dos docentes na gestão dos conteúdos, isto é, na determinação dos percursos e actividades de aprendizagem de cada tema que o Programa em vigor proporcionava, por parecer um imperativo da própria Filosofia.

Assim, importa referir que presente Programa é composto por três temas: o primeiro aborda questões relacionadas com a Emergência da Filosofia; o segundo trata das questões relacionadas com as Dimensões Antropológica, Cultural e Ética do Homem; o terceiro ocupa-se da Teoria do Conhecimento.

Por todas estas razões, consideramos que o ensino da Filosofia se deve recortar de um conjunto de finalidades que proporcione um suporte de trabalho reflexivo a todos os níveis da vida e do viver.

Neste contexto, porque não há autonomia do pensar que se constitua a partir do indiferentismo ou sem enraizamento sócio-político-cultural, assim como sem o domínio do discurso, da compreensão dos seus vários tipos e das suas possibilidades de verdade ou verosimilhança, preconiza-se que a consumação da intencionalidade estruturante da Filosofia, no Ensino Secundário, deve equacionar, com o mesmo grau de importância, objectivos dos domínios cognitivo, das atitudes e valores e das competências, métodos e instrumentos.

Distribuição da carga horária por tema:

Tema 1 - Emergência da Filosofia	18 horas
Tema 2 - Dimensões Antropológica, Cultural e Ética ao Homem	24 horas
Tema 3 - Teoria do Conhecimento	18 horas

FINALIDADES E OBJECTIVOS GERAIS DO PROGRAMA

Finalidades

A disciplina de Filosofia,

- › Em co-responsabilidade com as demais disciplinas das áreas curriculares do Ensino Secundário;
- › Tendo presentes os objectivos definidos na Lei de Bases do Sistema de Educação para o Ensino Secundário;
- › Tendo também em consideração os princípios orientadores da organização e da gestão curriculares, assume, como suas, a partir da sua especificidade, as seguintes finalidades:
 - a) Proporcionar instrumentos necessários para o exercício pessoal da razão, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica, para a compreensão do carácter limitado e provisório dos nossos saberes e do valor da formação como um continuum da vida;
 - b) Proporcionar situações orientadas para a formulação de um projecto de vida próprio, pessoal, cívico e profissional, contribuindo para o aperfeiçoamento da análise crítica das convicções pessoais e para a construção de um diálogo próprio com uma realidade social em profundo processo de transformação.
 - c) Proporcionar oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de um pensamento ético e político crítico, responsável e socialmente comprometido, contribuindo para a aquisição de competências de diálogo que predisponham à participação democrática e ao reconhecimento da democracia como o referente último da vida comunitária, assumindo a igualdade, justiça, unidade, reconciliação nacional e a paz como os seus princípios legitimadores;
 - d) Proporcionar meios adequados ao desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e estética, contribuindo para a compreensão da riqueza da diversidade cultural e da Arte como meio de realização pessoal, como expressão da identidade cultural dos povos e como reveladora do sentido da existência;
 - e) Proporcionar mediações conducentes a uma tomada de posição sobre o sentido da existência, contribuindo para a compreensão da articulação constitutiva entre o ser humano e o mundo e da sua dinâmica temporal, assumindo a responsabilidade ecológica como valor e como exigência incontornável.

Objectivos Gerais

No domínio cognitivo.

- 1. Apropriar-se progressivamente da especificidade da Filosofia.**
 - 1.1. Distinguir a racionalidade filosófica de outros tipos de racionalidade.
 - 1.2. Reconhecer o trabalho filosófico como capacidade interpretativa e argumentativa.
 - 1.3. Reconhecer o carácter linguístico-retórico e lógico-argumentativo do discurso filosófico.
 - 1.4. Reconhecer a Filosofia como um espaço de reflexão interdisciplinar.
 - 1.5. Reconhecer a necessidade de situar os problemas filosóficos no seu contexto histórico-cultural.
 - 1.6. Identificar as principais áreas e problemas da Filosofia.

- 2. Reconhecer o contributo específico da Filosofia para o desenvolvimento de um pensamento informado, metódico e crítico e para a formação de uma consciência atenta, sensível e eticamente responsável.**
 - 2.1. Adquirir instrumentos cognitivos, conceptuais e metodológicos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho filosófico e transferíveis para outras aquisições cognitivas.
 - 2.2. Adquirir informações seguras e relevantes para a compreensão dos problemas e dos desafios que se colocam às sociedades contemporâneas nos domínios da acção, dos valores, da ciência e da técnica.
 - 2.3. Desenvolver um pensamento autónomo e emancipado que, por integração progressiva e criteriosa dos saberes parcelares, permita a elaboração de sínteses reflexivas pessoais, construtivas e abertas.
 - 2.4. Desenvolver uma consciência crítica e responsável que, mediante a análise fundamentada da experiência, atenta aos desafios e aos riscos do presente, tome a seu cargo o cuidado ético pelo futuro.

No domínio das atitudes e dos valores.

- 1. Promover hábitos e atitudes fundamentais ao desenvolvimento cognitivo, pessoal e social.**
 - 1.1. Adquirir hábitos de estudo e de trabalho autónomo.
 - 1.2. Desenvolver atitudes de discernimento crítico perante a informação e os saberes transmitidos.
 - 1.3. Desenvolver atitudes de curiosidade, honestidade e rigor intelectuais.
 - 1.4. Desenvolver o respeito pelas convicções e atitudes dos outros, descobrindo as razões dos que pensam de modo distinto.

- 1.5. Assumir as posições pessoais, com convicção e tolerância, rompendo com a indiferença.
- 1.6. Desenvolver atitudes de solidariedade social e participação na vida da comunidade.

2. Desenvolver um quadro coerente e fundamentado de valores.

- 2.1. Reconhecer distintos sistemas de valores e diferentes paradigmas de valoração.
- 2.2. Adquirir o gosto e o interesse pelas diversas manifestações culturais.
- 2.3. Desenvolver uma sensibilidade ética, estética, social e política.
- 2.4. Comprometer-se na compreensão crítica do outro, no respeito pelos seus sentimentos, ideias e comportamentos.
- 2.5. Assumir o exercício da cidadania, informando-se e participando no debate dos problemas de interesse público, nacionais e internacionais.
- 2.6. Desenvolver a consciência do significado ético e da importância política dos direitos humanos, da unidade e reconciliação nacional e da paz.
- 2.7. Desenvolver a consciência crítica dos desafios culturais decorrentes da nossa integração numa sociedade cada vez mais marcada pela globalização.

No domínio das competências, métodos e instrumentos.

1. Ampliar as competências básicas de discurso, informação, interpretação e comunicação.

- 1.1. Iniciar o discurso filosófico, prestando particular atenção, nos discursos/textos, à análise das articulações lógico-sintáticas e à análise dos procedimentos retórico-argumentativos.
- 1.2. Iniciar a comunicação filosófica, desenvolvendo, de forma progressiva, as capacidades de expressão pessoal, de comunicação e de diálogo.
- 1.3. Iniciar o conhecimento e utilização criteriosa das fontes de informação, designadamente obras de referência e novas tecnologias.
- 1.4. Iniciar a leitura crítica da linguagem icónica (pintura, fotografia) e audiovisual (cinema, televisão), tendo por base instrumentos de descodificação e análise.
- 1.5. Dominar metodologias e técnicas de trabalho intelectual que potenciem a qualidade das aquisições cognitivas e assegurem a autoformação e a educação permanente.
- 1.6. Desenvolver práticas de exposição (oral e escrita) e de intervenção num debate, aprendendo a apresentar de forma metódica e compreensível as ideias próprias ou os resultados de consultas ou notas de leitura.

2. Iniciar as competências específicas de problematização, conceptualização e argumentação.

- 2.1. Reconhecer que os problemas são constitutivos e originários do acto de filosofar.
- 2.2. Questionar filosoficamente as pseudo - evidências da opinião corrente, de forma a ultrapassar o nível do senso comum na abordagem dos problemas.
- 2.3. Determinar e formular adequadamente os principais problemas que se colocam no âmbito dos vários temas programáticos.
- 2.4. Desenvolver actividades específicas de clarificação conceptual: aproximação, etimológica, aproximação semântica, aproximação predicativa, definição, classificação.
- 2.5. Adquirir e utilizar de forma progressiva e correcta os conceitos operatórios transversais da Filosofia.
- 2.6. Identificar e clarificar de forma correcta os conceitos nucleares relativos aos temas/problemas propostos à reflexão pelo programa.
- 2.7. Desenvolver actividades de análise e conjunto de argumentos.

3. Iniciar às competências de análise e interpretação de textos e a composição filosófica.

- 3.1. Analisar a problemática sobre a qual um texto toma posição, identificando o tema/problema, a(s) tese(s) que defende ou a(s) resposta(s) que dá, as teses ou respostas que contraria ou as teses ou respostas que explicitamente refuta.
- 3.2. Analisar a conceptualidade sobre a qual assenta um texto, identificando os termos ou conceitos nucleares do texto, explicitando o seu significado e as suas articulações.
- 3.3. Analisar a estrutura lógico-argumentativa de um texto, pesquisando os argumentos, dando conta do percurso argumentativo, explorando possíveis objecções e refutações.
- 3.4. Confrontar as teses e a argumentação de um texto com teses e argumentos alternativos.
- 3.5. Assumir posição pessoal relativamente às teses e aos argumentos em confronto.
- 3.6. Redigir composições de análise e de interpretação de textos que incidam sobre temas/problemas do programa efectivamente desenvolvidos nas aulas.
- 3.7. Desenvolver, seguindo planos/guiões ou modelos simples, temas/problemas programáticos, que tenham sido objecto de abordagem nas aulas.

VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS TEMÁTICOS

Tema 1 - Emergência de Filosofia

Objectivos específicos:

No fim de estudo deste tema, o aluno deverá ser capaz de:

- › Definir o conceito de Filosofia e explicar o seu objecto e método de estudo;
- › Caracterizar a atitude filosófica e distingui-la do senso comum e de outros tipos de saber;
- › Demonstrar a importância, o lugar e o valor formativo da Filosofia no Ensino Secundário;
- › Demonstrar o surgimento e desenvolvimento da reflexão filosófica e a luta constante para a sua sobrevivência;
- › Mencionar e identificar o objecto de estudo das principais disciplinas filosóficas;
- › Demonstrar a relação existente entre a Filosofia, as ciências e demais saberes;
- › Explicar o significado do mito e da razão;
- › Identificar os problemas filosóficos e explicar as suas características;
- › Mencionar e descrever os principais períodos de desenvolvimento da Filosofia e as características fundamentais de cada um;
- › Explicar a origem histórica da Filosofia e as suas grandes tradições;
- › Aplicar na prática as ferramentas do trabalho filosófico.

Sumário:

- 1.1. O que é a Filosofia?: As diversas maneiras de definir a Filosofia.
- 1.2. Objecto, método e função da Filosofia.
- 1.3. Atitude filosófica versus atitude natural.
- 1.4. Natureza das questões filosóficas.
- 1.5. Divisões da Filosofia.
- 1.6. Relação da Filosofia com outros saberes.
2. Mito e Razão.
2. A dimensão discursiva do trabalho filosófico: a Filosofia e a argumentação.

Seminário:

Tema 1 - Importância do estudo da Filosofia para a vida do aluno do Ensino Secundário.

Gestão de tempo: 7 tempos lectivos de 90 min. (3 semanas).

Conceitos específicos nucleares:

1. Filosofia, o problema filosófico, atitude natural, atitude filosófica, saber, ciência, senso comum.
2. Mito.

Tema 2 - Dimensões Antropológica, Cultural e Ética do Homem

Objectivos específicos:

No fim de estudo deste tema, o aluno deverá ser capaz de:

- › Definir os conceitos da antropologia, cultura e o de ética;
- › Descrever a natureza antropológica do homem;
- › Explicar a essência do homem;
- › Explicar a essência da pessoa humana;
- › Explicar o homem como criador da cultura;
- › Explicar a morte como situação limite do homem;
- › Definir o conceito de valores e apresentar a sua classificação, hierarquização e polaridade;
- › Explicar a relação existente entre normas e valores morais;
- › Distinguir as normas morais das normas jurídicas;
- › Debruçar-se sobre as causas da crise de valores no mundo e em Angola;
- › Explicar a dimensão ético-político dos valores;
- › Definir o objecto da moral e explicar a origem da consciência moral e da responsabilidade;
- › Analisar a correlação entre sociedade, liberdade e pessoa;
- › Analisar a correlação entre a ética, estado, direito e política;
- › Debruçar-se sobre os direitos humanos no contexto da globalização.

Sumário:

- 2.1. Dimensões antropológica, cultural e ética do Homem.
 - 2.1.1. Natureza e essência do homem.
- 2.2. A pessoa humana.
 - 2.2.1. Vínculos éticos da pessoa: amor, ódio, indiferença e sofrimento.
- 2.3. O homem como produto da cultura.
 - 2.3.1. A cultura e o homem
- 2.4. O homem perante a situação limite: morte.
- 3.5. Problemática dos valores.
 - 3.5.1. Definição dos valores.
 - 3.5.2. Classificação, hierarquia e polaridade dos valores.
 - 3.5.3. Objectividade e subjectividade dos valores.

- 3.5.4. Crise dos valores no mundo contemporâneo e em Angola.
- 3.5.5. Resgate dos valores cívicos e morais em Angola.
- 3.5.6 Dimensão ético-política dos valores.
- 3.5.7. Normas e valores morais.
- 3.6. Origem e natureza da consciência moral: liberdade e responsabilidade.
 - 3.6.1 Sociedade, liberdade e pessoa.
 - 3.7.1. Ética, Estado e Direito.
 - 3.7.2. Ética ambiental/ecológica.
- 3.8. Direitos humanos.
- 3.9. Experiência Religiosa

Seminário:

Tema 2 - A problemática da crise e resgate dos valores morais e cívicos em Angola.

Gestão de tempo: 14 tempos lectivos de 90 min. (5 semanas).

Conceitos específicos nucleares:

1. Homem, pessoa humana, ódio, indiferença, sofrimento, morte.
2. Valor, subjectividade e objectividade de valores, crise dos valores, resgate dos valores, norma moral, norma jurídica, acção, razão/causa, fim, intenção, projecto, motivo, desejo, deliberação, decisão, determinismo, liberdade, valor, preferência valorativa, critério valorativo, consciência moral, liberdade, responsabilidade, autoridade justiça, ética, religião, cultura, sociedade, Estado, direito, Direitos Humanos, ética ambiental/ecológica.

Tema 3 - Teoria do Conhecimento

Objectivos específicos:

No fim de estudo deste tema, o aluno deverá ser capaz de:

- › Explicar a origem e a natureza do conhecimento;
- › Interpretar o conhecimento como correlação sujeito-objecto;
- › Compreender a diferença existente entre uma disciplina filosófica que reflecte sobre os conhecimentos produzidos pelas ciências e as disciplinas produtoras de conhecimento;
- › Distinguir, quanto ao problema da origem do conhecimento, a doutrina racionalista da doutrina empirista;
- › Distinguir, quanto ao problema da essência do conhecimento, o realismo do idealismo e compreender por que razão esse problema desperta a atenção de quem reflecte sobre o acto de conhecer;

- › Distinguir, no que concerne ao problema da possibilidade de um conhecimento objectivo, o dogmatismo do cepticismo.
- › Compreender a atitude da inteligência perante a verdade.
- › Explicar o valor e os limites do conhecimento humano;
- › Demonstrar o valor do conhecimento na vida quotidiana do Homem e para o desenvolvimento da humanidade;
- › Explicar os benefícios e os perigos da ciência moderna;
- › Demonstrar exemplos concretos científicos do século XX;
- › Explicar o que é a verdade e saber distinguir a verdade e a mentira;
- › Identificar os critérios da verdade.

Sumário:

- 3.1. Origem do conhecimento: gnoseologia e a epistemologia.
 - 3.1.2. A estrutura do acto de conhecimento e a dicotomia sujeito-objecto.
 - 3.1.3. As correntes filosóficas sobre a origem do conhecimento:
 - 3.1.3.1. O racionalismo;
 - 3.1.3.2. O empirismo.
- 3.2. Natureza do conhecimento:
 - 3.2.1. O realismo.
 - 3.2.2. O idealismo.
 - 3.2.3. Três modelos explicativos do conhecimento.
 - 3.2.3.1. A teoria do conhecimento de David Hume.
 - 3.2.3.2. Teoria do conhecimento de Aristóteles
 - 3.2.3.3. A teoria Kantiana do conhecimento.
 - 3.2.3.4. A interpretação do processo cognitivo segundo Piaget.
- 3.3. Valor, possibilidade e limites do conhecimento.
 - 3.3.1. O cepticismo.
 - 3.3.2. O dogmatismo.
 - 3.3.3. O relativismo.
 - 3.3.4. O pragmatismo.
- 3.4. Importância e perigo do conhecimento científico do século XX: Circulo de Viena.
 - 3.4.1. Problema da cultura científica-tecnológico.
- 3.5. Atitude da inteligência perante a Verdade.
 - 3.5.1. Critérios da verdade.

Seminário:

Tema: A globalização e suas implicações para o desenvolvimento de Angola

Gestão de tempo: 6 tempos lectivos de 90 min. (2 semanas).

Conceitos específicos nucleares:

1. Conhecimento, gnoseologia, epistemologia estrutura, acto, dicotomia, sujeito, objecto, corrente filosófica, racionalismo, empirismo.

2. Realismo, idealismo, teoria de conhecimento. 3. Cepticismo, dogmatismo, relativismo, pragmatismo, positivismo 4. Conhecimento científico, Círculo de Viena, tecnologia, inteligência, verdade.

METODOLOGIA: PRINCÍPIOS, SUGESTÕES E RECURSOS

Princípios metodológicos

Os princípios subjacentes às sugestões metodológicas, que são aqui propostas, implicam um tipo de aula centrado no trabalho efectivo, assente fundamentalmente na análise e interpretação de textos e outros documentos. O diálogo deve ser pensado como um debate a partir de um elemento comum a docentes e alunos que servirá, ao mesmo tempo, como o lugar da procura de informações, e o ponto de partida da análise crítica. Procura-se que, desde o início do trabalho, cada discente possa tomar iniciativas de interpretação e compreensão dos temas e, assim, caminhar no sentido da configuração progressiva da sua autonomia, factor absolutamente imprescindível na aprendizagem da Filosofia.

A relevância dada a um documento de referência, no contexto do desenvolvimento das aulas, corresponde à convicção que o exercício pessoal da razão implica a alteridade, ou seja, que pensar é pensar com ou pensar a partir de. Dito por outras palavras, tem-se como ideia reguladora a aula como espaço de trabalho que permita a assimilação pessoal e a posição crítica, mas onde se assume também a Filosofia como produto cultural, com elementos teóricos estruturados que é necessário conhecer. Supõe-se um trabalho de síntese pessoal da parte dos alunos, mas também a aquisição de dados informativos sobretudo no sentido da clarificação conceptual e de rigor argumentativo.

Transportada para o plano das aprendizagens, esta ideia reguladora, obriga à configuração de um processo sustentado por três princípios:

1) Princípio da progressividade das aprendizagens.

Com este princípio, pretende-se assinalar que, embora a dinâmica da realidade seja complexa e nunca linear, deve haver o cuidado pedagógico de definir precedências nas aprendizagens, não só em termos dos núcleos temáticos a abordar como das actividades a desenvolver nessa abordagem e dos recursos documentais a serem utilizados.

As implicações metodológicas desta opção, na condução do processo de ensino e de aprendizagem, são múltiplas, sendo de salientar as seguintes:

- a) Na importância e no rigor da avaliação diagnóstica, sobretudo da inicial, especialmente, das competências discursivas e reflexivas;

- b) No papel dos docentes e de alunos, privilegiando uma lógica da aprendizagem relativamente a uma lógica de ensino;
- c) Na planificação de actividades, que tenham em conta a progressividade das competências a desenvolver;
- d) Na escolha de documentação de apoio adequada à consecução dessa progressividade.

2) Princípio da diferenciação das estratégias.

Este princípio decorre de duas exigências específicas:

- a) Por um lado, o privilegiar de uma lógica de aprendizagem, que tenha em conta os diferentes estilos de aprendizagem próprios de cada discente, sendo imperioso que os professores recorram a formas diversificadas de abordar e fundamentar as questões para que os estudantes mais analíticos ou mais intuitivos, por exemplo, não sejam sempre beneficiados ou prejudicados;
- b) Por outro lado, a diferenciação de estratégias é uma consequência directa da diversidade dos objectivos.

3) Princípio da diversidade dos recursos.

Este princípio é, desde logo, um corolário dos anteriores. A sua suposição implica que as aulas devem assentar na variedade de recursos que cada situação possibilitar, destacando os que parecem ser mais relevantes:

- a) Em primeiro lugar os textos. A história da Filosofia tem figura nos textos que foram sendo escritos, e a sua interpretação, sempre renovada, permite que a Filosofia se vá constituindo na sua novidade. Contudo, propõe-se que se utilizem na sala de aula diferentes tipos de textos e não apenas os que o cânone catalogou de filosóficos.

Portanto, os textos filosóficos devem constituir os mais importantes materiais para o ensino e a aprendizagem do filosofar. A sua selecção adequada representa um dos maiores desafios para os professores. Nem sempre é fácil encontrar os textos que têm incidência nos temas/problemas em estudo, apropriados ao nível em que se encontram os jovens, ou que reflectam distintas posições/teses/respostas sobre um mesmo problema.

A adequação aos temas e a adequação ao nível dos alunos, assim como a expressão de distintas posições sobre um mesmo tema são três dos mais relevantes critérios da sua selecção.

- b) Um segundo, e decisivo desafio para a experiência bem sucedida do trabalho com os textos filosóficos, diz respeito às orientações para a sua leitura, análise, interpretação e discussão. Sem instruções claras sobre o trabalho a emprender, sem guiões explícitos de actividades, corre-se sempre o risco de introduzir confusão nas tarefas, propiciadora de experiências mal sucedidas e conseqüente desmotivação.
- c) Para além dos textos filosóficos, os dicionários especializados, as histórias da Filosofia e outras obras de referência, filosóficas ou não, deverão constituir também alguns dos recursos a mobilizar.
- d) Sendo a actividade filosófica uma actividade por excelência de investigação, a prática de consulta de diversificadas fontes de informação deverá ser implementada assiduamente, residindo aqui uma das dimensões formativas da Filosofia, contribuído, deste modo, para o desenvolvimento de competências fundamentais. Esta prática é mais vantajosamente estimulável se for desencadeada em função de projectos específicos de intervenção por parte dos alunos: necessidade de preparar uma exposição na aula, necessidade de apresentar um pequeno trabalho monográfico, necessidade de elaborar uma nota de leitura.
- e) A utilização de textos literários (entenda-se a literatura angolana) deve assumir também um papel relevante, na medida em que eles podem constituir-se como matéria sobre a qual a actividade filosófica, como actividade interpretativa, se pode exercer. A obra literária, ao configurar um mundo, onde padecem e agem seres humanos num quadro de relações complexas, explicita modos possíveis de ser, de agir e de habitar a realidade, podendo funcionar como indutor de conteúdos, levando os alunos a sair de si e confrontar-se com essa perspectiva de viver, pensar e ser que lhes é proposta.

Este processo, simultâneo, de descentração e alargamento da experiência pessoal, cria condições favoráveis ao exercício filosófico da crítica e compreensão.

- f) Também os meios audiovisuais podem ser objecto de múltiplas utilizações na aula de Filosofia e contribuir para o desenvolvimento de diversas competências. O recurso a transparências, como apoio à apresentação de exposições, de esquemas integradores dos percursos conceptuais ou para exibir a estrutura argumentativa de textos, reveste-se de importância indispensável.

O visionamento de documentos ou filmes pode tornar-se relevante, se não mesmo imprescindível, para motivar e operacionalizar a abordagem de desafios actuais. A exibição de spots publicitários, de excertos de intervenções políticas e de fragmentos fílmicos, poderá constituir oportunidade privilegiada para o exercício da crítica social e política.

Para que a exibição de documentos audiovisuais se torne mais formativa, considera-se necessário que seja acompanhada de critérios ou guiões de análise, evitando a recepção passiva, desenvolvendo hábitos de leitura activa, desencadeando atitudes de distanciamento e análise crítica.

- g) Por fim, o computador. O computador adquiriu definitivamente um lugar privilegiado entre os recursos de aprendizagem. Para além de meio instrumental para o processamento de texto e de outras informações e também para a comunicação inter-individual e em rede, abre portas às mais diferentes fontes de informação, com destaque para os CD-ROMs e a Internet. A elaboração de trabalhos escolares e a necessária pesquisa de informações têm no computador um espaço e oportunidades cada vez mais potenciados, com possibilidades ilimitadas.

Os Professores têm aqui um dos seus mais importantes desafios e os alunos uma das mais profícuas possibilidades.

Para além das notas já explicitadas a propósito dos princípios e sugestões metodológicas mais gerais, pretende-se ainda realçar dois aspectos fundamentais:

Em primeiro lugar, a necessidade de recorrer na abordagem dos temas a autores específicos da história da Filosofia, que com eles mantenham relações privilegiadas. Esse recurso deve ser feito tendo também em conta não só o gosto e a formação de cada docente, como também uma diferenciação temporal que dê visibilidade à riqueza e diversidade da produção filosófica. Em segundo lugar, sugere-se que, no decurso do processo das aulas, se dê

relevo à importância da aquisição de um método próprio de trabalho que, embora integrando técnicas mais ou menos padronizadas, corresponda, contudo, ao modo específico de ser e de pensar de cada estudante. Nesse contexto, poder-se-á, por exemplo, apresentar e discutir diferentes modelos ou perspectivas de análise e interpretação de textos, mostrando as potencialidades de cada um.

Esta importância da metodologia poderá ainda ser evidenciada se tiver o cuidado de propor actividades de leitura ou de escrita que sejam acompanhadas de guiões ou de planos adequados e se solicite que qualquer produção escrita contenha sempre o esquema que presidiu ao seu desenvolvimento.

Quadro de conceitos operatórios

A prática filosófica distingue-se pela especificidade e radicalidade dos temas/problemas que aborda, sejam eles metafísicas ou gnosiológicos, éticos ou estéticos, lógicos ou epistemológicos, bem como pela especificidade da linguagem que utiliza e pela especificidade dos conceitos que mobiliza. Assim, cunhados e apurados ao longo da história da Filosofia, é com eles que a Filosofia configura o discurso sobre os temas/problemas abordados, assumindo esses conceitos um carácter heurístico e operatório ou instrumental.

De entre os conceitos operatórios com que trabalha a Filosofia, tomados como instrumentos intelectuais de análise e de reflexão, poder-se-ão distinguir três grupos maiores:

- 1) **Os conceitos gerais ou transversais**, aqueles que atravessam todas ou quase todas as abordagens temáticas;
- 2) **Os conceitos específicos ou regionais**, aqueles com os quais a filosofia configura a abordagem de temas/problemas particulares (metafísicas, gnosiológicos, éticos, estéticos, lógicos ou epistemológicos);
- 3) **Os conceitos metodológicos ou instrumentais**, aqueles que dizem respeito às competências e à metodologia do trabalho filosófico.

Os conceitos específicos ou regionais propostos à aprendizagem pelo presente programa são aqueles que constam dos enunciados relativos aos conteúdos temáticos.

Relativamente aos conceitos gerais ou transversais e aos conceitos metodológicos ou instrumentais, que hão-de informar, do princípio ao fim, o trabalho filosófico e a abordagem dos vários temas/problemas, entendeu-se por bem dar-lhes um lugar de destaque. Pretendeu-se, assim, chamar a atenção para a importância da sua progressiva introdução e do seu uso sistemático no trabalho diário, consideradas as suas vantagens (filosóficas) sobre os termos mais vulgares da linguagem corrente.

Não se circunscrevem a nenhuma rubrica programática específica; eles hão-de ser, oportuna e convenientemente, introduzidos à medida. Deverão ser aprendidos como se aprende, naturalmente, uma língua.

Cada docente fará um uso permanente e rigoroso deles, sempre que os temas ou as actividades o exigirem; os alunos e as alunas utilizá-los-ão, também, progressivamente: inicialmente de modo incerto, logo depois de forma mais segura e explícita.

Os quadros que se seguem incluem alguns dos que se julgaram mais frequentes, sem qualquer pretensão de esgotar a lista de outros que nela poderiam ter lugar.

Conceitos gerais ou transversais.

Absoluto | relativo
Abstracto | concreto
Antecedente | conseqüente
Aparência | realidade
A priori | a posteriori
Causalidade | finalidade
Compreensão | explicação
Contingente | necessário
Dedução | indução
Dogmático | crítico
Dúvida | certeza
Empírico | racional
Essência | existência
Finitude | infinitude
Formal | material
Identidade | contradição
Imediatez | mediação
Intuitivo | discursivo

Particular | universal
Saber | opinião
Sensível | inteligível
Sentido | referência
Ser | devir
Subjectivo | objectivo
Substância | acidente
Verdade | validade
Teoria | prática
Transcendente | imanente

Conceitos metodológicos ou instrumentais.

Conceptualizar | conceptualização
Aproximação linguística
Aproximação predicativa
Aproximação extensiva
Aproximação metafórica
Problematizar | problematização
Problema filosófico
Questionamento filosófico
Argumentar | argumentação
Tese / antítese
Argumento/Contra-argumento
Defesa/Refutação.

AVALIAÇÃO

A avaliação constitui, para qualquer didáctica disciplinar, um dos mais complexos problemas. Antes mesmo de se constituir como um problema estritamente pedagógico ou técnico, ela é um problema ideológico e político, ético e deontológico, de justiça e equidade, sobretudo.

Perspectivada por muitos como peça chave dos sistemas educativos para o exercício sempre controverso do controlo e da selecção sociais, a avaliação transforma-se num campo de confrontação ideológica, que exige dos professores uma atitude institucional crítica.

Porque o processo da avaliação vai ter repercussões sobre seres humanos únicos e concretos, ainda por cima muito diferentes uns dos outros, com origens sociais e culturais muito díspares, a avaliação exige sensibilidade e, sobretudo, justiça e equidade.

Em Filosofia, por via da especificidade e complexidade dos processos cognitivos, que estão em apreço no ensino e na aprendizagem do filosofar, a avaliação reveste-se de dificuldades pedagógicas particulares, a exigir não apenas intervenção sensata, cuidado responsável e justiça equitativa, mas também critérios explícitos e transparentes de consecução bem sucedida das tarefas, diversidade e adequação de instrumentos, pluralidade e riqueza das fontes, oportunidade e sensibilidade na comunicação das observações e dos resultados.

O problema maior reside seguramente na dificuldade em proceder a uma avaliação justa e equitativa.

Reconhecidos os desafios e as dificuldades apontadas, o presente Programa não propõe, por isso, orientações normativas rígidas, mas sugere apenas um conjunto de princípios gerais, com indicação de uma pluralidade de Fontes a utilizar, a que se juntam alguns Critérios de avaliação sumativa. Deve-se esclarecer que os critérios de avaliação sumativa adiante explicitados são propostos antes de mais como referenciais para guiar o processo de ensino e sobretudo de aprendizagem, uma vez que uma avaliação sumativa não pode exceder o que foi efectivamente objecto de actividades de ensino e de aprendizagem.

Princípios reguladores da avaliação

- 1) Considerando que entre os diversos elementos que integram o processo de ensino e de aprendizagem (objectivos, conteúdos, competências, actividades, recursos e avaliação) deve existir correspondência e articulação;
- 2) Considerando que a avaliação tem por função prioritária regular e otimizar o processo de ensino e de aprendizagem, ajudando o aluno a aprender e o professor a ensinar;
- 3) Considerando que as tarefas e as actividades de avaliação devem, sempre que possível, coincidir com as tarefas e actividades de ensino e aprendizagem;
- 4) Considerando também a especificidade e complexidade dos processos cognitivos intrínsecos à aprendizagem do filosofar, assim como as características próprias do trabalho filosófico;

A avaliação em Filosofia deverá corresponder às exigências que a seguir se enunciam:

- a) **Predominantemente formativa e qualitativa.** Deverá, ao longo do processo de ensino e de aprendizagem, informar e regular o curso das aquisições cognitivas e a realização bem sucedida das actividades e das produções (discursivas, sobretudo) em que se concretizam as competências a adquirir, tendo por referência instruções claras para a realização das tarefas e critérios precisos para apreciação dos resultados.
- b) **Tendencialmente contínua.** Deverá acompanhar e articular-se com todos os momentos e actividades em que se concretiza o processo de ensino e de aprendizagem, evitando aquisições cognitivas erróneas ou realizações equivocadas que venham a prejudicar aquisições e realizações futuras.
- c) **Atenta às competências e às actividades.** Deverá prestar atenção particular às competências e às actividades, tendo em consideração que a filosofia se define de modo substantivo como exercício e actividade de pensamento e juízo, como saber-fazer racional crítico.
- d) **Diagnóstica e prognóstica.** Deverá anteceder o próprio processo de iniciação ao filosofar propriamente dito, analisando as condições de possibilidade de trabalho filosófico: limites e potencialidades linguísticas,

competências e deficiências discursivas, dificuldades e facilidades de comunicação, hábitos e métodos de estudo e trabalho intelectual.

- e) **Democrática e participada.** Deverá ser realizada com os alunos, enquanto primeiros interessados em experiências cognitivas bem sucedidas, enquanto intérpretes privilegiados de reais dificuldades, enquanto únicos conhecedores de algumas dúvidas ou hesitações, enquanto únicos conhecedores de algumas potencialidades que passam despercebidas.
- f) **Sumativa.** A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o grau de desenvolvimento das aprendizagens do aluno e tem como objectivos a classificação e certificação.

Fontes privilegiadas da avaliação

- 1) Considerando a diversidade e heterogeneidade sociocultural da população escolar e os diferentes estilos individuais de aprendizagem;
- 2) Considerando que o recurso privilegiado aos testes escritos não coincide com a natureza da maior parte das actividades de ensino e de aprendizagem, predominantemente orais, nem permite avaliar com autenticidade muitas das aquisições e competências cognitivas;
- 3) Considerando também a especificidade e complexidade dos processos cognitivos, assim como as exigências particulares do trabalho filosófico.

A avaliação em Filosofia deverá diversificar as fontes e os instrumentos de avaliação, nomeadamente:

- a) **A observação**, tão sistemática quanto possível, tendo por finalidade recolher informações sobre hábitos de trabalho, atitudes, grau de participação e interesse e, em particular, sobre a evolução no processo de aprendizagem;
- b) **As intervenções orais**, em debates, em resposta a solicitações do professor, possibilitarão apreciar a qualidade da precisão conceptual e da clareza discursiva, a capacidade da comunicação e o valor da argumentação;
- c) **As exposições orais**, a partir de leituras ou de pesquisas solicitadas, permitirão apreciar a pertinência da interpretação, a capacidade de trabalho autónomo, a aquisição de métodos de pesquisa, o conhecimento e o domínio das fontes de informação;

- d) **As produções escritas** - actas e relatórios, resumos e notas de leitura, apreciações e reflexões pessoais – possibilitarão avaliar a capacidade de escuta e compreensão oral, a qualidade de leitura compreensiva e sua expressão escrita, a capacidade de (se) questionar (sobre) matérias controversas;
- e) **A análise e interpretação de textos argumentativos** – análise metódica, com ou sem guião, interpretação, discussão - permitirá apreciar as capacidades de detectar elementos essenciais tais como: tema/problema, tese/posição do autor, argumentos/provas despendidos e também apreciar as capacidades de contrapor posições alternativas e explicitar argumentos/provas pertinentes;
- f) **As composições filosóficas de desenvolvimento metódico** (filosófico) de temas/problemas, efectivamente tratados nas aulas, possibilitarão apreciar as capacidades de interpretar, problematizar e argumentar um tema filosoficamente relevante.
- g) **Outras fontes** - cada docente, por sua iniciativa ou por acordo com o grupo de Filosofia, poderá obviamente socorrer-se de outras fontes : designadamente, algum pequeno trabalho monográfico, planificado de antemão, fichas de trabalho, organização de dossiers temáticos ou caderno de actividades. Os critérios de apreciação de verão ser previamente definidos e explicitados perante cada turma.

Crítérios de referência para avaliação sumativa.

Uma vez que a responsabilidade pelo ajustamento de conteúdos, de objectivos, de competências e de critérios da avaliação sumativa cabe à escola, o programa não fixa critérios rígidos, universais e obrigatórios de avaliação.

Partiu-se do princípio que um dos factores mais decisivos para garantir justiça na avaliação e evitar tacteias por parte dos alunos e arbitrariedades não desejadas pelos professores é seguramente a transparência e a clareza dos critérios de avaliação.

Admitiu-se também, como condição da legitimidade da avaliação, a coerência e continuidade dos critérios de avaliação com os critérios de realização bem sucedida das actividades de aprendizagem:

- a) Não é legítimo avaliar o que não foi intencionalmente ensinado e/ou não foi objecto de actividades de aprendizagem (de exercício) ao longo do processo.

- b) São clarificados os indicadores de sucesso que deverão ser tomados como indícios seguros para o reconhecimento das aprendizagens previstas e das aquisições cognitivas desejadas.

Por esta razão, se indicam não os conteúdos sobre os quais deve recair a avaliação de conhecimentos, mas, preferencialmente, o tipo de actividades ou tarefas em que se hão-de revelar o nível e a qualidade das aquisições cognitivas e das competências alcançadas.

Os critérios de avaliação sumativa que a seguir se enunciam, sendo propostos tão-só como critérios de referência, deverão, no entanto, ser tomados como marcos ou balizas para um acordo pedagógico-didáctico desejável, entre docentes e entre docentes e discentes, admitindo que as cláusulas específicas só podem ser estabelecidas localmente e localmente “assinadas”.

Eis, assim, os critérios que deverão mobilizar e direccionar as aprendizagens e que, conseqüentemente, deverão balizar também as actividades de avaliação sumativa.

No final da 11ª Classe, os alunos deverão ser capazes de:

- a) Recolher informação relevante sobre um tema concreto do programa e, utilizando fontes diversas - obras de referência, suportes electrónicos ou outros - compará-la e utilizá-la criticamente na análise dos problemas em apreço;
- b) Clarificar o significado e utilizar de forma adequada os conceitos fundamentais, relativos aos temas/problemas desenvolvidos ao longo do programa de Filosofia;
- c) Redigir textos, sob a forma de acta, síntese de aula(s) ou relatório, que expressem de forma clara, coerente e concisa o resultado do trabalho de compreensão e reflexão sobre os problemas filosóficos efectivamente tratados;
- d) Participar em debates acerca de temas relacionados com os conteúdos programáticos, confrontando e valorando posições filosóficas pertinentes, ainda que conflitantes, e auscultando e dialogando com os intervenientes que sustentam outras interpretações;

- e) Analisar textos de carácter argumentativo, oralmente ou por escrito, atendendo:
- › À identificação do seu tema/problema;
 - › À clarificação dos termos específicos ou conceitos que aparecem;
 - › À explicitação da resposta dada ou da tese defendida;
 - › À análise dos argumentos, razões ou provas avançados;
 - › À relação de conteúdo com os conhecimentos adquiridos.
- f) Compor textos de carácter argumentativo sobre algum tema/problema do programa efectivamente tratado e acerca do qual tenham sido discutidas distintas posições ou teses e os correspondentes argumentos:
- › Formulando com precisão o problema em apreço;
 - › Expondo com imparcialidade as teses concorrentes;
 - › Confrontando as teses concorrentes entre si;
 - › Elaborando uma resposta reflectida à questão ou problema.
- g) Realizar um pequeno trabalho monográfico acerca de algum problema filosófico de interesse para o estudante, relacionado com algum conteúdo programático efectivamente abordado e metodologicamente acompanhado pelo docente nas tarefas de planificação.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- AA. VV., Logos** - *Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia*, 5 vols., Verbo, Lisboa, 1989/1992.
- ALVES, Fátima; AREDE, José; CARVALHO, José** - *Introdução à Filosofia: A Chave do Agir, 10º Ano de Escolaridade*, Texto Editora, Lisboa, 1990.
- AMORIM, Carlos; AGUIAR, Isabel Chorão; MOREIRA, Margarida M.** - *Filosofia 10º Ano do Ensino Secundário*, Lisboa, 2003.
- ARANHA, Mª Lúcia; MARTINS, Mª Helena** - *Filosofando*, Moderna, São Paulo, s.d.
- CHAUÍ, Marinela** - *Convite à Filosofia*, 7ª ed., São Paulo, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTAR, F.** - *O que é a Filosofia?*, Presença, Lisboa, 1992.
- DUFRENNE, M.** - *Estética e Filosofia*, Perspectiva, São Paulo, 1981.
- DUROZI, G.; ROUSSEL, A.** - *Dicionário de Filosofia*, Porto Editora, Porto, 2000.
- FEARN, Nicholas** - *Aprendendo a Filosofar em 251 Lições*, Jorge ZAHAR Editor, 2004.
- FERNANDES, Marelo; BARROS, Nazaré** - *Filosofia 10º Ano do Ensino Secundário*, Lisboa Editora, Lisboa, 2003.
- Filosofia 11º Ano do Ensino Secundário*, Lisboa Editora, Lisboa, 2004.
- GAMBRA, Rafael** - *Pequena História da Filosofia*, Coleção Prisma, s.d.
- JASPERS, K.** - *Iniciação Filosófica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1976.
- JAY, Roni** - *Apontamentos Europa-America Explicam Mitologia*, Publicações Europa-América, Portugal, s.d.
- KUTSCHERA, F. Von.** - *Fundamentos de Ética*, Cátedra, Madrid, 1988.
- MACIEIRAS FAFIAN, M.** - *Que es Filosofia?*, Cincel, Madrid, 1985.
- MARNOTO, Isabel; FERREIRA, Luísa; GARRÃO, Manuel** - *Dimensão da Actividade Humana*, Texto Editora, Lisboa, 1989.
- MON DIN, Battista** - *Curso de Filosofia*, Vol. 1, Paulus, São Paulo, 1981.
- Introdução à Filosofia: Problemas, Sistemas, Autores, Obras*, Vol. 1, 13ª ed., Paulus, São Paulo, 2002.
- Curso de Filosofia: Os filósofos do Ocidente*, 11ª ed., Paulus, São Paulo, 2002.
- PISSARA, Mário; REIS, Alfredo** - *Rumos de Filosofia, Lógica e Argumentação*, 11º Ano, Edições Rumo.
- REALE, Giovanni** - *História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga*, Vol. 1, Paulus, São Paulo, 2003.
- REZENDE, António** - *Curso de Filosofia, Professores e Alunos dos Cursos de Segundo Graus e de Graduação*, 13ª ed.

RIBEIRO, Leonel dos Santos; ASSUNÇÃO, Cristina M. Berckert; CORREIA, João Carlos Nunes de - *Introdução à Filosofia 10º Ano*, Lisboa, 1996.

RIBEIRO, Leonel dos Santos; GRAÇA, Silva Adriana; CORREIA, João Carlos Nunes de - *Introdução à Filosofia 11º Ano*, Lisboa, 1997.

RODRIGUES, Luís; SAMEIRO, Júlio - *Introdução à Filosofia 10º Ano*, 7ª ed., Plátano Editora, Lisboa, 2002.

RODRIGUES, Luís - *Introdução à Filosofia 11º Ano*, 7ª ed., Plátano Editora, Lisboa, 2002.

RUSSEL, B. - *Os Problemas da Filosofia*, Arménio Amado, Coimbra, 1980.

RUSS, Jacqueline - *Dicionário de Filosofia*, Didáctica Editora, Lisboa, 2000.

SABINO, Cristiano; PINTO, Raquel - *Guia de Estudo: Introdução à Filosofia - 11º Ano*, Vol. 1, Porto Editora, Porto, 2001.

THIRY, Philippe - *Noções de Lógica*, Edições 70, Lisboa, 1998.

WEIL, Eric - *Filosofia Política*, Loyola, São Paulo, s.d.

VIALLATOUX, J. - *A Intenção Filosófica*, Almedina, Coimbra, 1982.

VICENTE, J. Neves - *Razão e Diálogo: Introdução à Filosofia 10º Ano*. Porto Editora, Porto, s.d.

OLIVEIRA, José H. B. - *De Filosofia, Psicanálise e Educação*, Almeida, Coimbra, 1997.

PILETII, Claudino - *Filosofia da Educação*, 9ª ed., Àtica, São Paulo, 1997.

PORTO, Leonardo S. - *Filosofia da Educação*, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2006.

FILOSOFIA NA INTERNET - ALGUNS SÍTIOS

Directórios de Filosofia do motor de pesquisa:

<http://www.sapo.pt/educacional/referencia/Filosofia/>

<http://dir.yahoo.com/arts/humanities/philosophy><http://dir.lycos.com/society/philosophy>

Sociedade Portuguesa de Filosofia

<http://www.spfil.pt/>

Centro para o Ensino da Filosofia

<http://www.cef-spf.org/>

Associação dos Professores de Filosofia

<http://www.apfilosofia.org/>

The Internet Encyclopedia of Philosophy

<http://www.utm.edu/research/iep/>

Philosophy Meta-Encyclopedia

<http://www.ditext.com/encyc/frame.html>

Stanford Encyclopedia of Philosophy

<http://plato.stanford.edu>

Philosophy since the Enlightenment

<http://www.philosopher.org.uk/>

Acesso a informações diversificadas: textos, filósofos, discussões, novidades bibliográficas

<http://www.epistemelinks.com/index.asp>

Guia geral para Ética e Filosofia Moral

<http://caae.phil.cmu.edu/Cavalier/80130/index.html>